

PESQUISA-INTERVENÇÃO E PSICANÁLISE

MARCIA MÜLLER GARCEZ é Mestranda do Instituto de Psicologia UFRJ; Bolsista CAPES. E-mail: marcia.mgarcez@gmail.com.

RUTH HELENA PINTO COHEN é Professora Adjunta da Pós-graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ. E-mail: ruthcohen@uol.com.br

Resumo: o presente trabalho pretende levantar a questão sobre as formas de pesquisa em psicanálise, fazendo uma comparação entre a pesquisa teórica e a de campo e, a partir disso, localizar a inserção do discurso psicanalítico e do pesquisador-psicanalista nessas duas modalidades de investigação. A partir da elucidação de dois exemplos – um para a pesquisa de campo e outro para a teórica - exploraremos o significativo *intervenção* na tentativa de indagarmos se a pesquisa teórica não compreenderia também uma forma de intervenção. Apoiados na abordagem psicanalítica e considerando a concepção dessa corrente sobre *ato* como algo que implica uma transformação, um antes e um depois, buscamos considerar a pesquisa teórica em psicanálise nessa lógica, uma vez que produz efeitos no sujeito e no objeto pesquisado.

Palavras Chave: Psicanálise; Ato; Pesquisa-intervenção;

RESEARCH-INTERVENTION AND PSYCHOANALYSIS

Abstract: this work intends to raise the issue on how to research in psychoanalysis, making a comparison between theoretical research and field research, and from this, locate the insertion of the psychoanalytic discourse, psychoanalyst and researcher in these two modes of investigation. From the elucidation of two examples - one for field research and one for the theoretical - will explore the significant intervention in an attempt to ask if the theoretical research also did not understand a intervention form. Backed by the psychoanalytic approach and considering the design of this current on the act, as something that involves a transformation, one before and one after, we seek to consider the theoretical research in psychoanalysis, this logic, since it produces effects in the subject and in the object searched.

Keywords: Psychoanalysis; Act; Intervention Research;

Algumas considerações sobre pesquisa

Para pensarmos como a psicanálise pode se inscrever no campo de pesquisa parece-nos necessário fazer uma breve distinção entre a pesquisa teórica e o estudo de campo, para então, a partir disso, localizar a inserção do discurso psicanalítico e do pesquisador-psicanalista nessas duas modalidades de investigação. Desta forma, buscaremos refletir sobre a pertinência da psicanálise no âmbito da pesquisa-intervenção. Assim, pretendemos levantar pontos de discussão para possíveis avanços sobre essa temática.

Os dispositivos de pesquisa nos mostram que existem variados tipos de encaminhamentos que podem ser feitos com interesses múltiplos. Ciribelli (2003)



aponta que estes podem ir desde estudos Ex-Post-Facto – fenômenos já existentes, que independem do controle do pesquisador, até a Pesquisa-Ação ou mesmo a Pesquisa Participante, onde o próprio pesquisador é um dos elementos da pesquisa. Estas últimas modalidades inserem-se na Pesquisa de Campo, cuja prática inclui o estudo de indivíduos, grupos, comunidades e instituições. Por sua vez, na abrangência da investigação teórica encontramos a pesquisa documental, bibliográfica ou as que se baseiam em fenômenos atuais articulados às teorias. Essas variações em pesquisa são marcadas, também, pela divisão entre Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. A primeira compreende a coleta e análise de dados que apontam os resultados a partir de uma quantificação do objeto pesquisado, enquanto a segunda tem como objetivo interpretar os fenômenos que observa e tem sido muito empregada nas ciências sociais. Nosso intuito, não é fazer uma explanação sobre metodologias de pesquisa, mas apontar a especificidade de uma delas, ou seja, a do campo psicanalítico. Nesta esfera, utiliza-se a pesquisa qualitativa, pois em sua maioria se debruça sobre investigações teóricas, intervenções em instituições ou análise de situações clínicas. Esta última traz o testemunho da prática com sujeitos e baseia-se no funcionamento da lógica do Inconsciente, o que seria impossível à quantificação e à generalização.

Seria a pesquisa-intervenção em psicanálise uma forma possível de fazer avançar a teoria a partir da prática? Mas o que é pesquisa-intervenção? Poderíamos indicar que toda pesquisa traz em seu bojo algum tipo de intervenção, seja no pesquisador, seja no objeto da pesquisa. Sobre a neutralidade do pesquisador, inferimos que é impossível ter esse ideal, pois haverá sempre uma marca, um estilo, indicando um sujeito particular envolvido na problemática estudada, independentemente do interesse teórico ou prático. Desejamos caminhar discutindo e marcando aspectos da intervenção, que não excluem o sujeito pesquisador e, nem por isso, são impeditivas ao avanço de um campo de saber.



O significativo intervenção

Alguns autores afirmam que a transformação que se faz da realidade ou a implicação e o comprometimento que o pesquisador passa a ter com a pesquisa são formas de intervenção. Destacamos uma dessas afirmações:

Decorrente da visão de que não há uma extemporaneidade do pesquisador em relação ao ato de pesquisar, reconhece-se que todo dispositivo de pesquisa transforma o que se deseja pesquisar, ou seja, nenhuma pesquisa deixa de ser também uma intervenção. (Castro, 2008, p. 29)

Tratar a intervenção como sendo de toda pesquisa, universaliza seu conceito e amplia o olhar sobre os efeitos que ela produz no pesquisador. Indagamos-nos sobre a pesquisa teórica, ou seja: podemos fazer uso do significativo intervenção quando o contato entre o pesquisador e seu objeto é estritamente teórico? Temos claro que a não-neutralidade também se aplica à pesquisa teórica e que há um comprometimento do pesquisador no fato de sua investigação promover transformações nele e no objeto estudado, mas poderíamos chamar de intervenção? A palavra intervenção¹ tem origem no latim – *interventio* – e uma de suas definições diz respeito ao ato, tomar em parte, participar.

Pesquisa de campo e psicanálise

Podemos inserir a psicanálise nas modalidades de pesquisa: teórica ou prática e fazer as devidas comparações exemplificando com uma pesquisa de campo com

¹ Dicionário on line Priberam da Língua Portuguesa. <http://www.priberam.pt/DLPO/> Acessado em 20/07/2011.



intervenções efetivas e outra de cunho teórico, nos ajudam a pensar sobre o que compreendemos como *intervenção*.

Primeiramente, trataremos um trabalho realizado por psicanalistas no contexto de uma pesquisa-intervenção realizada da parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro e a UFRJ e desenvolvida no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas – NIPIAC/UFRJ (Besset, Cohen, Coutinho, Rubin, 2007).

A pesquisa traz os efeitos do trabalho de intervenção caracterizado por *grupos de reflexão* com jovens de diversas comunidades, coordenados por estudantes de psicologia e supervisionados pelos professores responsáveis pelo projeto. São marcados pontos cruciais da psicanálise como a transferência, novas formas de intervenção da psicanálise aplicada e o lugar do psicanalista fora do consultório. O trabalho se inseriu em um projeto do governo de capacitação profissional de jovens, chamado *Jovem Total*. Ao abrir um espaço para a fala, a pesquisa faz uma intervenção nos grupos de reflexão. Os estagiários de psicologia iam aos locais determinados nas comunidades para que os encontros pudessem acontecer dentro do rigor e orientação que requer a pesquisa. O trabalho só foi possível por ter se estabelecido laços transferenciais² nos momentos iniciais do trabalho entre os envolvidos.

Uma das consequências desse trabalho foi a constatação de que os jovens inventaram uma nova maneira de regular os excessos, que para a psicanálise pode-se chamar de gozo, através da ação do líder comunitário. Logo se instaurou a pergunta de como alguns psicanalistas participantes da pesquisa, puderam, a partir de uma invenção, oferecer aos jovens um possível tratamento do gozo, que aparecia nas suas mais diversas formas: drogadição, violência e outras. (Besset, Cohen, Coutinho, Rubin, 2007, p. 33).

² Transferência é um conceito fundamental de psicanálise que indica uma atualização de sentimentos que se estabelecem a partir do encontro com outro sujeito e que são transferidos para este.



A partir das propostas realizadas nos encontros, as pesquisadoras recolheram significantes que perpassavam os discursos pertencentes àquele grupo. Foi possível também, fortalecer os laços transferenciais dos envolvidos já que a formalização de encontros propiciava esse estreitamento.

Graças a esse ‘bom vínculo’ foi possível fazer com que esses jovens aceitassem o convite para pensar, refletir, por vezes, em lugares onde a violência impera e a fala é excluída, onde a palavra aparece exclusivamente no modo imperativo. (Besset, Cohen, Coutinho, Rubin, 2007, p. 37).

Esse recorte de pesquisa-intervenção foi possível a partir de um texto sobre o trabalho realizado, ou seja, extrato de uma pesquisa que serviu para uma produção científica. Assim, não há dúvida de que, nesse exemplo, a palavra intervenção está bem empregada, uma vez que houve ação direta e participação de todos, assim como a modificação do ambiente e sujeitos envolvidos.

Pesquisa teórica e psicanálise

Seguimos ainda com a questão sobre a intervenção em produções teóricas. Pensamos então sobre uma pesquisa³ que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da UFRJ que compreende o campo teórico da psicanálise. Investiga como a questão da temporalidade se apresenta no contemporâneo e suas consequências na clínica psicanalítica. Para tal, são abordados os efeitos sociais do discurso capitalista, com seu tempo próprio e modificações que opera nos sintomas dos sujeitos. O suporte teórico é basicamente Freud e Lacan e alguns autores contemporâneos.

³ Pesquisa em andamento.



Versa sobre a *pressa*, elemento da atualidade que parece estar presente nessa forma de solução capitalista, onde a substituição de objetos, imediatamente descartados, oferece de forma ilusória e paradoxal a postergação do tempo, prolongando um tipo de gozo que se converte em consumo e promessa de felicidade. *Viva o hoje e o mais rápido possível, antes que o tempo acabe*, aponta para o horror da finitude, castração e morte. Os diversos efeitos da temporalidade na clínica e no ato analítico se defrontam com o tempo lógico, do inconsciente, que não obedece a marcação do cronômetro.

Lacan (1998), sobre esse tema, nos aponta um problema de lógica, onde a *pressa* colocada no advento de uma verdade se faz presente no *momento de concluir*. Indica que é preciso certa urgência, ou seja, como se uma resposta sempre chegasse com certo atraso. Esse tempo é o prosseguimento de um *tempo de compreender* e figura como uma certeza antecipada. O momento de concluir, terceiro tempo de três, iniciando pelo instante de olhar, seguido pelo tempo de compreender, inclui a *pressa*, que no campo da psicanálise pode fazer parte da produção de uma verdade. No discurso capitalista, por sua vez, não concluir pode ser um artifício, para que uma verdade do sujeito não advenha.

Assim, a proposta da pesquisa desenvolvida é justamente localizar e comparar a lógica da *pressa* no discurso capitalista e no discurso analítico e, demonstrar que o discurso do analista não condiz com o da massificação. A clínica é convocada constantemente pelos casos clássicos e atuais, que ilustram como os sujeitos são afetados pelo discurso capitalista, apresentando novas modalidades de sintomas.

Em um seminário denominado *A erótica do tempo*, Jacques-Alain Miller (2000), propõe pensarmos o tempo em dois vetores – T1 e T2 – sendo o primeiro o que progride e o segundo, o que retroage. Essa reversão temporal precipita o presente no passado e a experiência é atualizada na presença do analista, marcando uma produção de saber. Segundo ele, “... o analista se dedica a encarnar na atualidade o instante do passado. É por isso que não se trata simplesmente de saber e sim de *sujeito* suposto saber.” (p. 52).



Essa seria uma intervenção analítica, que implica o ato da interpretação e que propicia essa manobra temporal. Como oferecer ao sujeito que padece do discurso vigente na atualidade uma manobra temporal que possa incluir e suportar a finitude, não precisando ser devorado pela solução apontada pela ciência e pelo consumo? Como o discurso analítico pode intervir nesse contexto? Como a pesquisa teórica pode contribuir nessa intervenção?

Certamente uma pesquisa nesse âmbito suscita transformações no campo teórico e no próprio pesquisador que se insere nos textos de forma não-neutra. Mas, seria uma intervenção esta modalidade de pesquisa? Ou ela contribui para uma intervenção, mas não se constitui como tal? Estas são questões levantadas para se pensar o que seria a intervenção a partir da pesquisa.

Considerações finais

A partir do que levantamos sobre intervenção em seu significado e, como um significante que nos afeta, propomos deixar aberta essa discussão aqui iniciada. Para a psicanálise, intervenção, que indica um ato analítico, produz rupturas ou cortes no discurso modificando situações e sujeitos. Implica assim, um antes e um depois. Lacan ao discorrer sobre o ato psicanalítico afirma:

Digamos, primeiro: o ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito. Andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele. (Lacan, 2003, p. 371)

Uma pesquisa pode provocar rupturas de discursos e imprimir significações e construções que poderíamos considerar seus efeitos no tempo: antes e depois. Uma vez



que uma pesquisa teórica produza tais efeitos, poderia ser considerada pesquisa-intervenção?

Mesmo não sendo uma forma de atuação direta no objeto pesquisado - como no primeiro exemplo, onde os jovens participaram da pesquisa nos *grupos de reflexão* - temos de forma indireta, no segundo exemplo, uma proposta de repensar o retrato social a partir do campo psicanalítico. Ou seja, a investigação sobre o tempo que modifica os sintomas, tem repercussões no social e na clínica. Partindo dessa reflexão poderíamos arriscar dizer que uma pesquisa teórica pode, a partir da lógica da transformação que opera, ser considerada intervenção.

Aceitar que a pesquisa-intervenção inclui toda pesquisa oferece um lugar à pesquisa teórica e toca no que é mais subjetivo nesse processo: os efeitos no sujeito e no objeto pesquisado. Talvez possamos pensar em *intervenção indireta* ou *intervenção teórica*. Seriam novos nomes que entrariam na cadeia de significantes de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSET, V. L.; COHEN, R.H.P.; COUTINHO, L. G.; RUBIM, L. M. *A psicanálise na cultura: novas formas de intervenção*. Psicologia em Revista, v.13, n.1. Belo Horizonte, 2007.

CASTRO, L. R. *Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens*. In: CASTRO, L. R. & BESSET, V. L. (orgs). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008.

CIRIBELLI, M. C. *Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.



LACAN, J. *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *O ato psicanalítico*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MILLER, J-A. *A erótica do tempo*. Latusa, sem nº. Rio de Janeiro: EBP, 2000.

Recebido:28/07/2011

Aceito: 15/08/2011

